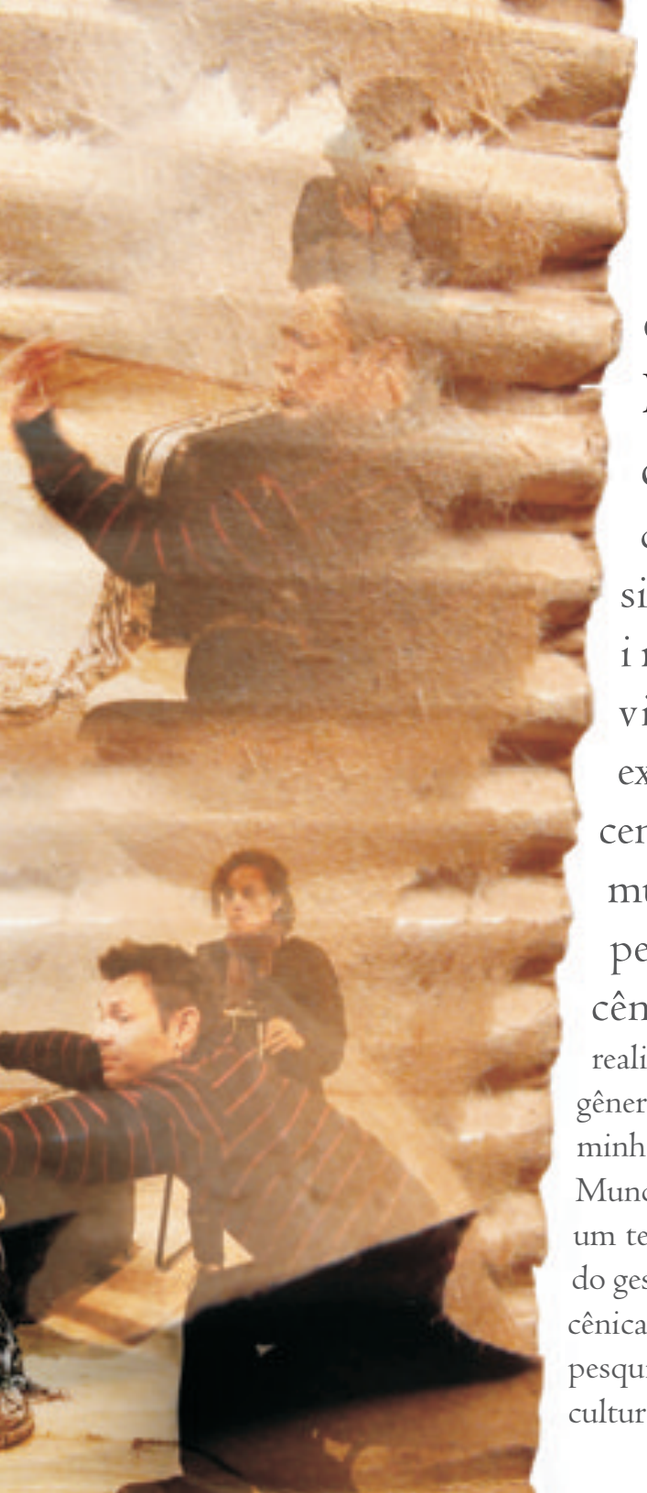
MUNDU RODÁ
teatro
dança
ESTRADA
Este projeto foi contemplado com o Prêmio
Funarte de Teatro Myriam Muniz 2009
cia. mundU rodÁ de teatrO físi cO e dançA, apresentA

ESTRADA

foto: Jonatha Cruz

Em algum lugar, um grupo de pessoas sem morada anda pelas ruas e cidades inventando formas de sobreviver. Com a chegada de uma nova figura, novos rumos se revelam na trajetória de cada um. Diluindo as fronteiras entre teatro, música e dança, a Cia. Mundu Rodá apresenta o espetáculo cênico-musical "Estrada". Através de uma dramaturgia centrada na poética da ação corpóreo-vocal, trata das relações dinâmicas entre indivíduo e sociedade e de como se transformam mutuamente, percorrendo caminhos entre a ternura e a brutalidade, o fantástico e o real, a descrença e a FÉ.

Livremente inspirado na obra "La Strada" de Federico Fellini, e dialogando com passos, ritmos e corporeidades das danças tradicionais brasileiras, o espetáculo é resultante do projeto de pesquisa e montagem "Estrada" da Cia. Mundu Rodá, contemplado pelo Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2009.



Quando fui convidado pela companhia Mundu Rodá para o trabalho de orientação cênica, deparei-me com uma situação na qual poderia implementar idéias vivenciadas nas minhas experiências anteriores com a cena, e ainda assim, não sabia muito bem o lugar ocupado pela figura do orientador cênico. O fator essencial para a realização dessa parceria foi a empatia de gêneros entre o trabalho que realizo com minha companhia e o trabalho que a Mundu Rodá desenvolve; meu desejo por um teatro pautado no ritmo e na precisão do gesto, que vai ao encontro da linguagem cênica que os artistas há muito vêm pesquisando, sobretudo no que se refere à cultura popular brasileira.

O processo desenvolveu-se no período de tempo em que eu analisava o material mostrado pelos artistas, e objetivava realizar conexões possíveis buscando propor situações para o trabalho e o desenvolvimento de cenas e imagens.

Enquanto pesquisa, o projeto buscou respeitar as narrativas e necessidades que nascem do corpo do ator, mantendo outro fator determinante do meu trabalho: guiar uma atuação inspirada na música. O material musical foi um dos eixos para o desenvolvimento dramatúrgico, já que as músicas presentes nas danças dramáticas brasileiras eram repensadas a partir de arranjos, no intuito de potencializar o processo de criação. Dessa maneira, a musicalidade norteava os criadores para as tensões que cada cena poderia representar, além das outras inúmeras inspirações que rondavam o ambiente e nos indicavam ricos encontros, como por exemplo a obra "La Strada" de Fellini, figuras sociais como os camelôs, mendigos e moradores de rua da cidade de São Paulo.

Uma pesquisa que remete à questões de cunho social e pessoal e reflete-se na entrega dos atores Alício e Juliana para as manifestações populares, esse é o Projeto Estrada, que pode ser visto como a construção de uma ponte para conexões culturais junto à ancestralidade, não tomando o passado de maneira inconsciente, mas objetivando um efeito imediato e autêntico, para um teatro do aqui e agora.

Ao longo de seus dez anos de estrada, a Cia. Mundu Rodá vem construindo uma linguagem cênica própria a partir da observação, do contato e do diálogo com as danças tradicionais brasileiras e o trabalho do ator/músico/bailarino. A riqueza oferecida por estas manifestações tradicionais reside na combinação estrutural do teatro, da dança e da música em suas formas mais expressivas. A partir de pesquisas e experiências (em viagens e com artistas de diferentes áreas), a Cia. busca a criação de uma metodologia de preparação e encenação do artista intérprete que dá destaque às corporeidades brasileiras.

As pesquisas desenvolvidas pela Cia. são objetivadas pela elaboração e organização de novas formas de construções corporais integradas à música, ao teatro e à dança, ao dialogar com a tradição e a inovação, trilhando um caminho para a elaboração de um treinamento técnico que contribua na formação de atores, músicos e bailarinos, e esboçando a criação de novas formas de expressões contemporâneas da arte brasileira.

Os princípios físicos e energéticos que constituem as danças tradicionais brasileiras, assim como o estudo biomecânico do corpo-brincador e dos diferentes elementos que o constituem, permeiam os trabalhos artísticos da Cia. Mundu Rodá.

CIA. Mundu Rodá

O Projeto ESTRADA

Para a realização do "Projeto de Pesquisa e Montagem - Estrada" contamos com a participação de antigos e novos parceiros. Esse processo de colaboração foi pontuado pelo desejo da Cia. Mundu Rodá nutrido no território da dança, da música e do teatro.

O projeto foi gerado durante uma viagem, em uma estrada. Tudo começou na Zona da Mata Norte de Pernambuco em 2008, quando tivemos o prazer de participar como orientadores da expedição do Estúdio Internacional de Teatro Físico Farm in the Cave (República Tcheca) no Brasil. Em pesquisa de campo pelo Nordeste brasileiro, ao mesmo tempo em que colaborávamos com Viliam Docolomansky (diretor do grupo Farm in the Cave) e seu grupo, nascia uma parceria. Foi na casinha amarela em Chã de Esconso (PE), entre sambas, teatro, terreiradas e muita conversa, que surgiu a primeira idéia para um futuro projeto, livremente inspirado no clássico "La Strada" de Federico Fellini e referenciado nas experiências vivenciadas pela Cia. Mundu Rodá durante 10 anos de pesquisas de campo pelo Brasil. Tínhamos em comum a pesquisa de linguagem com a cultura tradicional e o teatro contemporâneo.

Em 2009 a Cia. Mundu Rodá foi contemplada pelo Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2009, para continuidade e fortalecimento dessa pesquisa e cooperação, resultando em uma montagem inédita de um espetáculo teatral com a orientação cênica de Viliam Docolomansky. Também em 2009, para engrossar o caldo, convidamos dois artistas e parceiros: o cantor e regente Julius Gonçalves (Zuza) e o músico corporal Ronaldo dos Santos, para atuação e colaboração no processo de criação.

Deu um "bom samba"! Nasce o espetáculo Estrada, onde buscamos integrar a proposta clássica da dramaturgia do mestre Fellini junto a um contexto contemporâneo da luta pela sobrevivência de anônimos das ruas, que muitas vezes se confundem junto à arquitetura das grandes cidades. Uma pesquisa tecida nas intersecções entre o trabalho da fisicalidade do ator, da cena e do teatro, que marcam encontros com anseios individuais e as possibilidades da dança e da música. Essas interações resultaram uma multiplicidade de referências, não só para trabalhar apenas o híbrido como resultado das individualidades e das áreas de diálogo, mas para chegar ao significado da palavra estrada para cada um.

Bem vindos ao Estrada! Cia. Mundu Rodá.

Espiando pela fechadura

Por "Amuri" - breve relato da construção de uma figura

Juliana Pardo

Conto aqui uma das experiências mais intensas envolvendo o meu corpo, dentro do projeto Estrada. É o corpo que se transforma em música. Ações, cenas e o espetáculo - cada qual com sua melodia e ritmo, criando qualidades distintas e fluidas. Estas primeiras impressões ainda se assentando no corpo, como poeira, quando alguém acaba de chacoalhar um tapete e ela sobe e retorna em outra ordem - diversa.

Levantamos materiais inspirados na trajetória das personagens do filme "La Strada" de Federico Fellini, nas vivências da Cia. Mundu Rodá, nos desejos e experiências pessoais de cada um como viajante de uma estrada e no vasto universo corporal e musical da Cultura Popular Brasileira.

Após um longo processo de treinamento, eu e meus companheiros de estrada, elegemos e organizamos materiais (individualmente e em grupo) como ponto de partida. Eles foram organizados em partituras físicas e vocais, matrizes vocais, estruturas rítmicas construídas a partir de sapateados (trupés), canções e músicas instrumentais.

Em nosso primeiro encontro com Viliam Docolomansky, apresentamos a ele estes materiais, e juntos elegemos alguns para começarmos a desenvolver e estruturar o espetáculo. Cada qual tinha agora novas tarefas, tanto individuais como em grupo.

Uma delas foi construir o meu "tipo" (figura/personagem). Para isso, como ponto de partida, Viliam, Guto e eu, escolhemos alguns elementos dentre os quais havia apresentado. Minha tarefa consistia em criar diferentes significados e conexões para e com estes elementos, um treino que a princípio foi árduo. Como criar tantas novas possibilidades com tão poucos elementos? Deveria seguir o fluxo - entrar em um rio e deixar a correnteza me guiar, mas atenta, sempre. Também navego o rio, sei por onde ele passa - reconheço, atenho-me às suas margens. Sem controle, o rio poderia me levar a lugares onde não saberia retornar. Para mim, este processo foi uma busca para não entrar no caos, no caos de infinitas possibilidades, confusas e intensas, prazerosas de vivenciar e difíceis de agarrar. Mas eu pessoalmente, adoro o caos.

Visitei e passeei por estes elementos diariamente, sempre com a orientação cuidadosa de Viliam. Ele apontava os caminhos de uma forma precisa e em pequenas doses, como se usasse um conta-gotas. Aos poucos fui exercitando o corpo - olhar apenas aquilo que ele indicava para ser trabalhado, tentando não perder o que já havia conquistado.

Os elementos que se transformavam em ação, de uma forma orgânica, se tornaram familiares ao meu corpo. Assim como ações que realizamos ao longo de um dia como: sentar, beber um copo d'água, ou atender o telefone. Quanto mais domínio e controle no trabalho, mais liberdade eu ganhava para dinamizar e criar outras possibilidades, brincando com os impulsos, compondo música com o corpo, dançando com a voz, falando com os pés.

Paralelamente, fui buscando mais inspirações para dar vida a estes elementos, para que estes se transformassem em novas ações que significassem e re-significassem. Inspirações que vinham de observações, músicas, imagens, leitura de fábulas, todo material que trouxesse um sentido, permitindo o desenvolvimento do raciocínio da minha figura, como ela age e reage em diferentes situações. Sempre, detalhadamente, registrando e repetindo em meu corpo os elementos que nasciam a cada improviso.

No meu dia a dia, fora da sala de trabalho, trouxe discretamente um pouco desta figura, pequena, quase que se misturando a mim. Deixei-me ser e ver o mundo pelos seus olhos, com olhar de uma criança curiosa. As ações cotidianas ao meu redor viraram música. Brinquei.

E assim, com um material maior e codificado e podendo acessá-lo quando quisesse, comecei a colocar esta figura em relação com as outras figuras, criando situações que seriam esboços para a construção das cenas do espetáculo, e dialogando com as estruturas musicais que também estavam sendo concebidas.

Assim nasceu Amuri. Amuri é o apelido carinhoso da minha figura. Amuri vive aquilo que ela é – ela é aquilo que vive, sua maior ação é o coração. E que agora, ela cresça e tenha uma vida longa!

ANOTAÇÕES PESSOAIS CADERNO DE CRIAÇÃO

Exemplos de alguns elementos que compõem Amuri:

passos de frevo (ex: pontinha de pé, patinho, plantando mandioca).

trupés e ações do cavalo marinho (ex: figura do Mané Taião).

ações cotidianas (ex: acenar, olhar pela janela, pedir silêncio, pegar moscas, correr-voar com borboletas).

matriz vocal: "doida varrida" (ressonador de cabeça) / qualidade: passarinho, gel.

partitura vocal: sons de pássaros, versos populares/ qualidades: caverna, plumas, gel.

ações recolhidas de cenas do filme "La Strada" de Fellini (ex: ir em direção ao mar, ganhar um chapéu, esperar na sarjeta, correr até o morto e se ajoelhar, escutar o coração, plantar tomates...).

Cor: amarelo.

Pontos com os quais me guiei para compor as partituras corporais – musicais de Amuri:

Impulso + fluxo = movimento orgânico.

Movimento + intenção = ação.

Dinâmica = comportamento do meu corpo em relação ao espaço.

Ser - Brincar = dar vida e significado para aquilo que se propõe.

Estrutura = lugar onde o movimento-ação percorre/onde tudo percorre.

Partitura = escrita do corpo-musical no espaço.

Pé, corpo e alma na ESTRADA

Alício Amaral

Em minha trajetória como amante da arte sempre busquei caminhar pelo "entre", talvez pela sorte de ter na minha formação a oportunidade de estudar música erudita e teatro simultaneamente. A dança veio mais tarde, sorrateira. Estas linhas percorriam meu corpo e moldavam em mim uma estrutura que mais tarde seria a essência do meu trabalho hoje.

Quando a cultura popular me convidou para conhecê-la (pois foi isso mesmo que aconteceu) parece que tudo fez um estranho sentido. As informações que estão incorporadas nas danças dramáticas brasileiras são muito mais que passos, coreografias, cores, fitas coloridas e toques de instrumentos exóticos. São mensagens deixadas por povos através de gerações. São avisos, gritos, chamados que precisam atravessar oceanos e serem ouvidos em outros continentes. A versão da história do Brasil contada pelos vencidos.

Ainda hoje estas memórias pulsam nos corpos dos brincadores e vibram nas brincadeiras. Busco no meu corpo caminhos para expressar a condição humana. Muitas vezes o que sinto quando vejo uma brincadeira tradicional é uma mistura de "entres": entre a dor e alegria, entre a empolgação e a responsabilidade, entre o divino e o

NA ESTRADA
MIGRAR
ACREDITAR
CANTAR
APEGO
DESAPEGO
BUSCAR
DESCOBRIR
ESCOLHER
REVER
MORRER
AMAR
ODIAR
PASSAR
SER
SAUDADE
RESPIRAR
ENJOAR
ESTUDAR
SOLIDÃO

profano, entre a miséria e a riqueza, entre a revolta e a admiração. O ponto de equilíbrio-tensão causado por estes opostos me apontam um caminho fértil e firme para trilhar. Algo é transmitido muito além do que pode ser dito ou traduzido em palavras.

Esta forma de comunicação acontece através de "segredos" compartilhados entre os brincadores na hora da brincadeira. Cada brincador "é" e sabe exatamente o que faz e como. Simples assim. O mesmo também acontece no teatro, e na dança, e na música – ou deveria acontecer. E o mais belo é que tudo isso, toda esta tradição, está em constante transformação, sempre. A tradição é viva. Não parou no TEMPO. Assim também deve ser o trabalho do ator; vivo, em crescimento, sempre.

Seguindo a Estrada

A incrível capacidade de adaptação, transformação e a vida pulsante nas manifestações artísticas tradicionais também são nossas referências. A identidade se mantém mesmo quando diversos elementos são transformados. Os princípios que constituem estas manifestações e que formam os artistas populares são os mesmos princípios compartilhados por diversas técnicas codificadas na história do teatro, da dança e da música.

Quando pensamos no projeto "Estrada" tínhamos apenas algumas peças aguardando muito trabalho para serem montadas, moldadas, re-significadas e desenvolvidas. No início do trabalho, alguns pontos de partida:

iniciar um novo passo nas pesquisas da Cia. a partir do diálogo entre dança, teatro e música no corpo do ator;

receber novos colaboradores no trabalho, com intuito de provocar novos estímulos, diálogos, criar novas situações, novos desafios;

dar continuidade ao intercâmbio de trabalho com Viliam Docolomansky, diretor do teatro estúdio Farm in the Cave (República Tcheca), iniciado em 2008.

O que tínhamos era uma pesquisa de linguagem em desenvolvimento, e o desejo de dizer algo com isso. Decidimos percorrer por muitos caminhos antes de chegar em um lugar comum. Estes caminhos estavam repletos de medos, inseguranças, limitações e dúvidas.

Cada um e todos juntos enfrentamos os mais diversos desafios: qual diálogo poderia surgir entre a percussão corporal, o teatro, as danças dramáticas, a dança contemporânea, o trabalho vocal-musical-instrumental, moradores de rua, artistas populares, fé, Zona da Mata, Norte de Pernambuco, Federico Fellini, Brasil e República Tcheca?

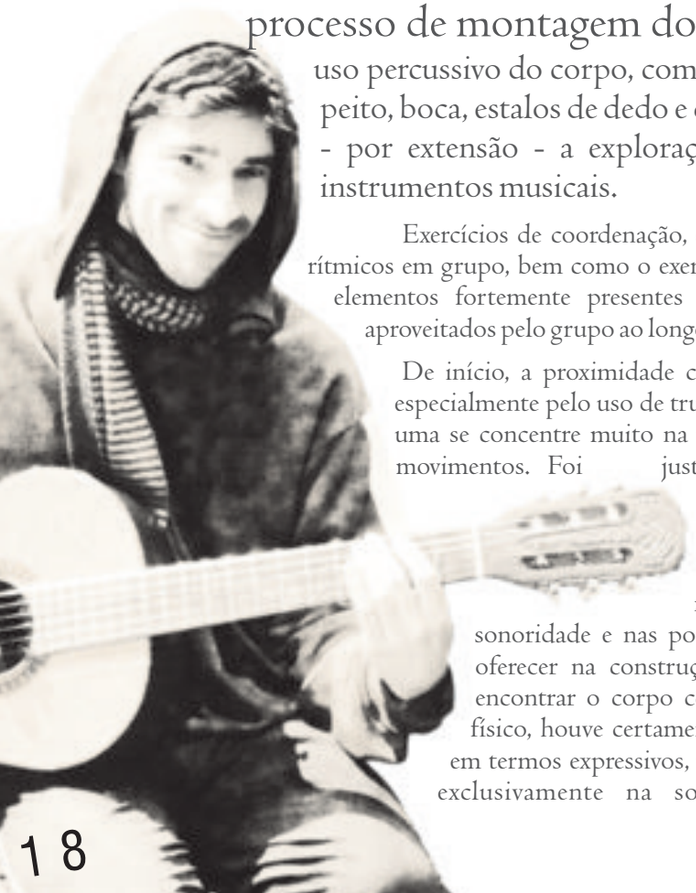
Pois assim foi: tivemos que aprender a falar com os pés. Cada vértebra da coluna uma boca que diz. Na musculatura do corpo a expressão do nosso rosto. Dançamos qualidades. Pintamos as paredes com a voz. Sobrepusemos diferentes camadas de qualidades físicas. Partiturizamos nossos movimentos no espaço e os transformamos em poesia. Trocamos de ossos com os objetos e com os sons.

A comunicação é estabelecida através do corpo como um todo, a respiração dita o ritmo, e cada cena é uma ação musical. Guardamos e compartilhamos segredos. O corpo doce é vibração, o texto é canto, a voz é dança, e cada passo é uma pergunta esperando resposta. Nossa brincadeira é simplesmente "ser" o que se faz, e acreditar em tudo isso claro. É possível? Digo que sim. Neste trabalho descobri novas possibilidades de comunicação. Meu corpo agradece e ainda processa esta experiência. Mais um passo, mais uma conquista, o que foi construído "é" agora em mim. Continuo me construindo e me redescobrindo. E como uma estrada sugere sempre um percurso a ser vivido, seguimos agora com a nossa "Estrada", buscando passar pelo caminho de muitas pessoas e apreciar novos territórios em breve. Nos vemos por aí!

Corpo musical em CENA

Ronaldo dos Santos

Como tocador de música corporal, minha contribuição no processo de montagem do espetáculo Estrada partiu do uso percussivo do corpo, com utilização dos pés, mãos, pernas, peito, boca, estalos de dedo e de língua, recursos vocais, além de - por extensão - a exploração de objetos cotidianos como instrumentos musicais.



Exercícios de coordenação, construção de ritmos, poliritmia e jogos rítmicos em grupo, bem como o exercício de criação coletiva improvisada são elementos fortemente presentes no estudo da técnica e puderam ser aproveitados pelo grupo ao longo da pesquisa.

De início, a proximidade com as danças populares já se fez notar especialmente pelo uso de trupés (percussão dos pés no chão), embora uma se concentre muito na precisão rítmica e outra na limpeza dos movimentos. Foi justamente aí que essas linguagens puderam dialogar e contribuírem muito uma com a outra.

Embora o movimento esteja presente na música corporal, o foco está na sonoridade e nas possibilidades musicais que o corpo pode oferecer na construção de ritmos e paisagens sonoras. Ao encontrar o corpo cênico das danças brasileiras e do teatro físico, houve certamente uma ampliação dessas possibilidades em termos expressivos, pois o que antes se estabelecia quase que exclusivamente na sonoridade, passou a dialogar mais enfaticamente com a movimentação no espaço.

Em sua dimensão cênica, a música corporal com intenções não mais meramente sonoras foi transportada para um lugar em que a própria música ganha outro significado dramático, e a construção não mais parte do som para o gesto, mas também do gesto para o som.

Certamente um choque adveio dessa mudança de olhar, pois se de um lado a dança e o teatro passaram a cobrar a expressividade gestual, por outro, a percussão corporal passou a exigir do ato cênico a precisão rítmica que muitas vezes a ação em si deixava escapar.

Dessa interpolação de interesses e desejos vindos de cada "área", foi possível aumentar os recursos para a montagem de partituras cênicas individuais ou coletivas e, muito mais do que abrir mão de um olhar particular, o encontro das técnicas proporcionou a ampliação do campo de visão individual.

Uma vez que as estruturas musicais tornam-se a base para as ações, exige-se dessas montagens sonoras outro nível de qualidade que não se sustenta apenas na precisão da execução, mas nas intenções que irão provocar essa sonoridade, que por sua vez será provocadora da encenação, seja como elemento agregador, seja como elemento contrastante.

As dificuldades dessas exigências chegaram como um desafio bastante interessante, na medida em que forçaram a busca por novas respostas e, ao serem assimiladas, puderam ser transformadas, expandidas e incorporadas ao patrimônio corporal, apontando caminhos pessoais até então pouco explorados.

4 na Estrada...

Zuza Gonçalves

Há um ano atrás se me dissessem que eu estaria hoje participando do encerramento de um projeto de pesquisa como o "Estrada" eu dificilmente acreditaria.

Apesar do desejo de estar em cena na companhia de artistas talentosos e competentes como meus três colegas existir a muito tempo, o fato é que a realidade da vida do artista muitas vezes nos torna céticos quanto à possibilidade desses desejos se realizarem.

O Prêmio Myriam Muniz criou as condições para que pudéssemos trabalhar e dividindo nossas experiências e visões chegar ao espetáculo que apresentamos. A trajetória traçada pelos quatro artistas diretamente envolvidos (mas acompanhada de perto por diversos colaboradores) foi árdua e repleta de desafios de todos os tipos, mas hoje, com o fim do processo se aproximando, olho pra trás já com saudades, e com a certeza de que artisticamente nada será como antes.

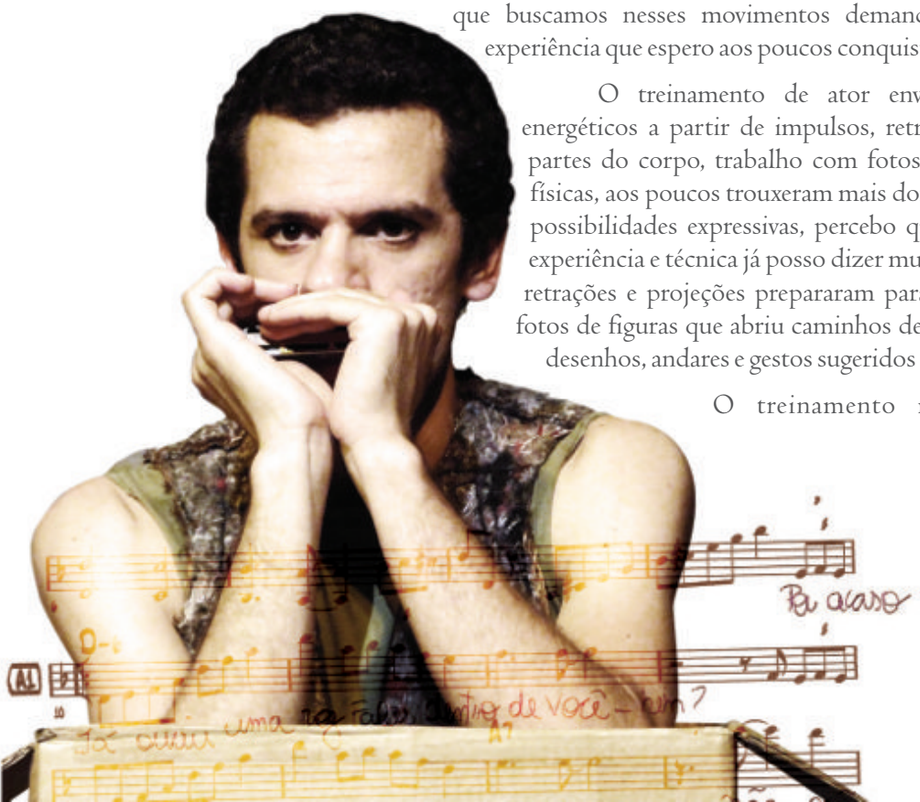
Existe uma tendência na contemporaneidade em definir os indivíduos pela sua atuação no mundo, um conceito de que somos aquilo que fazemos, aquilo que exercemos como "profissão". Essa simplificação ignora inúmeros outros aspectos de nossa existência que nos definem, mas para nós artistas é muito claro que fazer arte constitui parte essencial de quem somos.

A relação diária com a arte transforma a cada instante, molda corpo e alma, e ao longo dos anos vai deixando marcas indeléveis. No meu caso, minha personalidade e identidade têm muito a ver com minha formação e experiência como músico.

Nos últimos meses tive a oportunidade de me deixar moldar pela arte de uma maneira nova para mim, vivendo um processo artístico que integra teatro, dança e música. O treinamento corporal intenso (conduzido por Alicio Amaral e Juliana Pardo) voltado para a dança e para a cena representou uma transformação cuja porta de entrada é meus pés, pernas e braços, meu corpo todo, meu suor... É muito bom sentir-se em estado de mudança; com sentimentos, sensações e possibilidades novas surgindo de repente, espontaneamente, surpreendendo a mim mesmo, absorvendo tudo isso pelo corpo antes de destilar com a mente.

Um dos treinamentos mais significativos foi o de Biomecânica. Como músico, cuja formação normalmente ignora o corpo, o uso que tive para os pés por muito tempo limitou-se a eventual marcação da pulsação, a prática da percussão corporal me forçou a desenvolver a coordenação do seu movimento, mas a exploração minuciosa das possibilidades de movimento dos pés foi uma descoberta, trazendo consciência ao ato corriqueiro de andar.

O trabalho com as danças brasileiras representou uma retomada de uma relação com o corpo em movimento, estabelecida 15 anos atrás quando morei na Jamaica, cuja cultura urbana incluía ritmos dançados que me fascinavam. O processo foi marcado pela busca da consciência dos impulsos, molas, intenções, desenhos do corpo e tensões envolvidos na dança. Atingir a desenvoltura, limpeza e clareza que buscamos nesses movimentos demanda longa prática e experiência que espero aos poucos conquistar.



O treinamento de ator envolvendo pequenos energéticos a partir de impulsos, retração e projeção de partes do corpo, trabalho com fotos além de partituras físicas, aos poucos trouxeram mais domínio sobre minhas possibilidades expressivas, percebo que apesar da pouca experiência e técnica já posso dizer muito com o corpo. As retrações e projeções prepararam para um trabalho com fotos de figuras que abriu caminhos de criação através dos desenhos, andares e gestos sugeridos por cada figura.

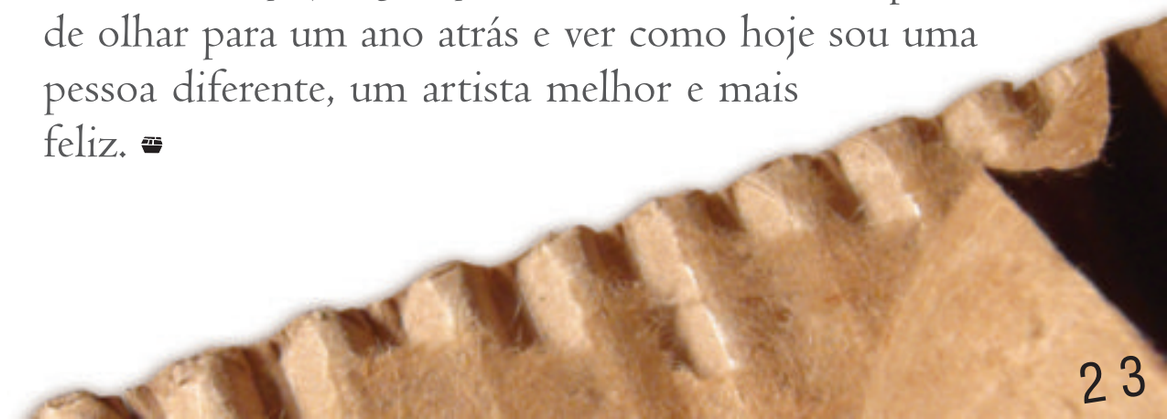
O treinamento musical envolveu dinâmicas de percussão corporal (conduzidas por Ronaldo dos Santos) que aperfeiçoaram a técnica e ajudaram a desenvolver as possibilidades rítmicas presentes nos "trupés" das danças brasileiras, além de trabalhar o senso rítmico do grupo fundamental para a linguagem do espetáculo. Além disso, conduzi um trabalho vocal focado no desenvolvimento da técnica e do repertório utilizado como base para a criação do material vocal do espetáculo, que incluía material variado incluindo música cigana, toadas, aboios, etc.

A partir dos nossos treinamentos o material que seria a base da construção do espetáculo começou a surgir, sem um roteiro ou cenas definidas, não existia a preocupação em como esse material seria utilizado, existia somente o desejo de organizar e concretizar elementos que surgiam e nos interessavam. Quando iniciamos o processo de montagem do espetáculo contávamos com um material que incluía diversas composições, canções e texturas vocais, coreografias e partituras físicas surgidas das danças estudadas, matrizes vocais diversas e seqüências de percussão corporal. Hoje é fantástico ver como esse material está inserido na dramaturgia do espetáculo, e como ele é usado para contar essa história.

Até o momento da estréia existiu em mim a dúvida de como o público entenderia e se relacionaria com o que iríamos apresentar, e a reação do público foi pra mim uma surpresa. Pessoas de diferentes perfis sócio-culturais mostraram seguir o enredo claramente, compreendendo o papel de cada elemento na dramaturgia, seguindo a história que era contada.

Além de entender, o público pareceu responder muito bem ao espetáculo, minha impressão de dentro é que as pessoas se identificavam e se relacionavam bastante com o que acontecia no palco. O caráter não óbvio de vários momentos parecia não confundir o público, mas pelo contrário, mantê-lo interessado no que acontecia em cima do palco.

Terminando essa seqüência de opiniões, avaliações e relatos muito pessoais, tenho que falar do prazer imenso e inusitado que foi estar em cena. Como músico, me coloco em frente ao público freqüentemente, mas o tipo de experiência que tive me apresentando nesse espetáculo foi inédito e muito especial, alimentando um desejo que já vem de alguns anos. Por esse e inúmeros outros motivos sou extremamente grato à todos os envolvidos nesse projeto, grato por ter nesse exato momento a oportunidade de olhar para um ano atrás e ver como hoje sou uma pessoa diferente, um artista melhor e mais feliz.



estrada...
pizza
ensaio
processo
treinamento
CORPOS

Agradecimentos

pra lá de especiais!

Não poderíamos deixar de agradecer à todas as pessoas que possibilitaram a realização deste projeto. Sem nossos amigos, mestres e parceiros, não haveria troca, não seria novidade, não daria samba!

Aos pareias: Ana Célia Martins; Christian Piana; Daniele Sampaio; Eliete; Jesser de Souza; Lisiane Leite; Patrícia Braga Alves; Paula Carrara; Raquel de Souza; Suzi Frank Sperber e Leonardo Andrade.

À toda equipe Estrada: Viliam, Guto, Zuza, Ronaldo, Álvaro, Mila, Marisa, Marcutti, César, Diogo e Simione.

Aos grupos parceiros e amigos: Casa laboratório e Cacá Carvalho; Cia. Balagan e Maria Thais; Farm in the Cave; Lume Teatro; Núcleo Manjarra; Grupo Sobrevento; Cia. Soma; Teatro Escola Brincante e Rosane Almeida; nós Trêz! Comunicação&Cultura.

À Secretaria de Cultura de SBC (especialmente, Neto de Oliveira e Nemias de Albuquerque); Equipe de funcionários da Câmara de Cultura SBC (Tiago, Val, Mônica, Zé Carlos e Jaq);

Ao CFP Padre Leo Commissari.

Aos alunos da Residência Artística Mundu Rodá e do Teatro Escola Brincante.

E sempre, aos nossos mestres: Aguinaldo Silva, Biu Alexandre, Inácio Lucindo, Antônio Teles, Martelo, Grimário, Zé Borba, Dona Nadir, Zé Duda, Barachinha e tantos outros. Especialmente em memória aos queridos Biu Roque e Duda Bilau.

www.munduroda.com.br
www.munduroda.blogspot.com
www.projetoestrada.blogspot.com

Apoio:

Realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA
Este projeto foi contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2009

FICHA TÉCNICA

Orientação Cênica: Viliam Docolomansky (CZE).
Assistente Cênico: Guto Martins.
Coordenação Geral da Montagem: Juliana Pardo.
Pesquisa de Dramaturgia: Cia. Mundu Rodá e Viliam Docolomansky.
Elenco: Alício Amaral, Juliana Pardo, Zuza Gonçalves e Ronaldo dos Santos.
Criação Musical: Alício Amaral, Zuza Gonçalves, Ronaldo dos Santos e Viliam Docolomansky.
Direção Musical: Alício Amaral.
Cenário e Cenotécnica: Marcos Pinto (Marcutti), César Scopel e Cia. Mundu Rodá.
Figurinos: Mila Reily.
Desenho de luz: Marisa Bentivegna.
Fotos: Christian Pianna e Jonatha Cruz.
Arte gráfica: nósTreZ! Comunicação & Cultura.
Produção executiva: Álvaro Guimarães
Realização: Cia. Mundu Rodá de Teatro Físico e Dança.

Treinamentos:
Técnica Corporal para Atores: Juliana Pardo.
Treinamento em Danças Tradicionais Brasileiras: Alício Amaral e Juliana Pardo.
Técnica em Canto: Zuza Gonçalves.
Técnica de Percussão Corporal: Ronaldo dos Santos.
Treinamento Corporal em Dança: Diogo Granato.
Treinamento Vocal: Carlos Simione.
Parceria: Cooperativa Paulista de Teatro.